

Um passeio pelas ruas do Rio Antigo: os pioneiros galegos, a Rua da Ajuda e o mercado ambulante

Érica Sarmiento da Silva

Jornalista e Doutora em História pela Universidade de Santiago de Compostela (Espanha). Arquivo Nacional/UERJ.
domecelle@hotmail.com

RESUMO

Na segunda metade do século XIX, os imigrantes galegos compartilhavam junto a portugueses, italianos e africanos os logradouros cariocas e o mercado ambulante. Uma rua em especial, a extinta Rua da Ajuda, localizada na freguesia de São José, foi o início do fenômeno imigratório galego na cidade do Rio. Nessa localidade, através do cruzamento de fontes espanholas e brasileiras, como os livros dos ganhadores livres do AGCRJ, constatamos a presença dos pioneiros e de uma sólida cadeia migratória que se prolongou até as primeiras décadas do século XX.

Palavras-chaves: Imigração, galegos, ambulantes

ABSTRACT

In the second half of the 19th century, Galician immigrants shared the public areas and the peddling in Rio de Janeiro with the Portuguese, Italians and Africans. A specific street - the extinct Rua da Ajuda - located in the borough of São José, saw the beginning of the Galician immigration phenomenon in the city of Rio. In this town, through the crossing of Spanish and Brazilian sources, like the register books of the 'ganhadores livres', or freemen peddlers, of the AGCRJ, we note the presence of the pioneers and of a solid migratory chain that was extended up to the first decades of the century XX.

Key-words: Immigration, galicians, peddlers

Os pioneiros da ajuda

A Rua da Ajuda existiu até a construção da Avenida Rio Branco, em 1905. Entretanto, quando se iniciou a “revolução urbanística” do Rio de Janeiro, com o prefeito Pereira Passos (1902-1906) ela já não se chamava da Ajuda, mas sim Rua Chile. Suas imediações ficaram reduzidas ao que atualmente corresponde à Avenida Rio Branco e à Rua São José. As áreas atualmente ocupadas pela Cinelândia abrigavam, então, o Seminário São José, do lado do demolido Morro do Castelo, e o Convento das freiras da Ajuda.

“A Rua da Ajuda propriamente dita nasceu sob a influência da ermida existente antes do convento, à maneira de um caminho que até ela conduziu os primitivos cariocas. Dela, por sua vez, saíam outros para o Morro de Santa Teresa, para Botafogo através da antiga Praia das Areias da Espanha (atual Praia da Lapa), na Lapa, e para os lados da Lagoa de Sentinela, um pouco acima do Campo de Sant’Ana, mais ou menos onde morria o Caminho de Mata-Cavalos, agora Rua do Riachuelo”. (Gerson, 2000:95)

Uma área perto do cais do porto, que seria uma rua a mais das muitas localizadas no Centro do Rio de Janeiro se não fosse por que aí, nesse espaço que já não existe, encontrássemos vários imigrantes galegos no século XIX. Coincidência ou não, as ruas e bairros próximos à Ajuda, foram também, ao longo século passado, residência de muitos galegos. Podemos citar várias dela, como a Rua São José, a Lapa (Rua dos Arcos), Lavradio, Riachuelo, etc. Era como se a “mancha” da imigração fosse se estendendo ao redor dessa parte oeste do centro da cidade, conhecidas como freguesias de São José e de Santo Antônio. A Rua da Ajuda e seus arredores reuniram galegos de diversas províncias, num período em que a imigração ainda não era massiva. Os pioneiros encontraram nesse espaço carioca o reduto que necessitavam para iniciarem e consolidarem as suas redes familiares na segunda metade do século XIX. Terceiro grupo migratório de maior importância numérica no Rio de Janeiro, os galegos construíram uma sólida imigração compartilhando espaços sociais e profissionais com outros grupos de estrangeiros e participando no processo de modernização carioca.

Com o intuito de reconstruir essa imigração pelas ruas do Rio de Janeiro, unimos diversas fontes, umas recolhidas na sociedade de origem – a Galiza – e outras no Rio de Janeiro, reagrupando as pequenas histórias que se formaram na comunidade galega do século XIX. Partindo da explicação de que os protagonistas atuam nos processos históricos e que não foram simplesmente personagens anônimos e estatísticos, fruto unicamente de fatores econômicos, pudemos analisar as suas estratégias de sobrevivência, através de indivíduos ou grupos que colaboraram social, profissional e economicamente para a construção de um espaço social onde interagiam vizinhos, patrícios e familiares.

Uma das fontes históricas que contribuíram para os estudos da comunidade galega foram os livros de ganhadores-livres do século XIX, localizadas no Arquivo Geral da Cidade

do Rio de Janeiro. Os dados extraídos dos ganhadores livres, juntamente com outros arquivos, como o Hospital Espanhol do Rio de Janeiro, foram documentos responsáveis pela distribuição dos galegos pelos logradouros cariocas. Uma dessas ruas é a já mencionada Rua da Ajuda, foco importante no estudo da imigração espanhola, já que concentrou um significativo número de galegos no século XIX. Qualquer documentação histórica que anteceda o período da chamada imigração massiva (1890-1930), e que apresente dados pessoais do imigrante (nome, endereço, nacionalidade) é um excelente instrumento de pesquisa para o reconhecimento dos pioneiros. Cruzando fontes da sociedade de origem e de recepção, e resgatando a história desses pioneiros, é possível não só construir histórias individuais, mas também buscar as origens do fenômeno migratório e sua posterior inserção na sociedade de acolhida.

Os ganhadores-livres também chamados de carregadores ou ambulantes, que estiveram a partir da década de 50 do século XIX, vendendo suas mercadorias pelas ruas e fazendo parte do mercado informal carioca, dispõem de uma documentação que nos ofereceu dados sobre os estrangeiros que pediam licenças nos livros de registros da prefeitura do Rio de Janeiro. Entre esses imigrantes, analisando os registros de licenças entre os anos de 1879 e 1885, encontramos 37 espanhóis, 172 portugueses e 54 italianos. A lista dos ganhadores livres traz a nacionalidade do ambulante, o seu nome completo, o endereço e também o nome e endereço do fiador correspondente. Apesar de não conter o lugar de origem e outros dados de mais interesse para o estudo da comunidade galega, não desprezamos essa fonte histórica, porque nos ajudou a localizar os espanhóis, as ruas onde viviam na década de 60 e 70 do século XIX, além de visualizar também os bairros dos portugueses e italianos. É um dado de grande utilidade para qualquer estudo vinculado à imigração, principalmente se utilizado com outras documentações como as listas de censo do lugar de origem do imigrante ou as listas de sócios de Associações Estrangeiras.

“O comércio ambulante estendia-se por todas as ruas e caminhos da cidade, exercidas desde os aguadeiros até os mascates que vagavam pelos logradouros com suas malas repletas de quinquilharias e gritos escandalosos característicos”. (Lucas Parga, 1996, pp.16-17)

Dessa forma, conhecemos algo mais dos espanhóis ou dos galegos, que junto com portugueses e italianos “ganhavam as ruas” do Rio, carregando ou vendendo mercadorias num setor que antes era monopolizado pelos escravos. Desde o início do século, no porto do Rio de Janeiro, muitos “trabalhadores avulsos” eram empregados nas atividades de manuseio e transporte de carga, especialmente os escravos de ganho que percorriam o espaço urbano da Corte. Os africanos juntaram “vintém a vintém”, alugando seu trabalho como empregados domésticos, artesãos, amas-de-leite, cozinheiras, carpinteiros ou sapateiros, carregando café no porto, ou vendendo água, comidas ou doces no mercado e

nas ruas da cidade. Assim que trabalhar ao ganho era, entre as décadas de 1850 e 1870, um ofício de africanos (FARIAS, 2004, p.17).

Esse tipo de trabalho, realizado em grande parte pelos negros, era considerado um ofício desprezado pelos brasileiros, já que os trabalhadores braçais, carregando mercadorias às costas, não eram bem vistos, nem valorizados, apesar de serem indispensáveis numa sociedade que se expandia rapidamente e não contava com meios de transporte que não fossem as carroças ou a força humana. Referimo-nos a um mercado de trabalho mobilizado pelos africanos e que aos poucos ia sendo redefinido pelos novos imigrantes que chegavam e ofereciam sua força de trabalho nas mais diversas ocupações. Isso significava também um redimensionamento do espaço urbano carioca, que incluía portugueses, italianos e espanhóis nos logradouros centrais do Rio de Janeiro. Um cenário contrário aos discursos comuns da época, que estavam a favor de uma imigração branca que representava o progresso e que deveria ocupar postos de trabalho de muito maior prestígio e visibilidade social. Os “europeus civilizados” se misturavam com os africanos e disputavam um setor do mercado de trabalho que era visto como uma decadência social.

Tabela 1. Nacionalidade dos Ganhadores Livres de Rio de Janeiro: 1837-1887

Nacionalidade	Ganhadores	%
Africanos	116	28,4%
Brasileiros	28	6,8%
Espanhóis	37	9%
Italianos	54	13,2%
Paraguaio	1	0,2%
Portugueses	172	42,1%
Total	408	100%

Fonte: Elaboração própria a partir dos livros de ganhadores livres¹

Se a imigração galega se concentrava majoritariamente no ramo da hotelaria, uma parcela deles, por menor que fosse, se dedicava ao comércio ambulante. Para pedir uma licença era necessário um fiador que se responsabilizasse pelo ambulante, e isso requeria uma dose de conhecimento com pessoas ilustres ou negociantes que quisessem manter sob a sua tutela um estrangeiro. O fiador devia ser um profissional respeitado e com boa condição financeira, que confirmasse a boa conduta do trabalhador e que garantisse o pago das despesas que pudessem surgir, caso fossem encontrados em situação irregular ou sem a licença devida. Era necessário fazer um pedido por escrito à Câmara Municipal, no qual seria identificado o proprietário ou seu procurador legal, juntamente com o seu endereço.

Um dos fiadores era o galego, nascido na província de A Coruña, chamado Anselmo José Barbeito. A primeira fonte que nos ofereceu informação sobre esse imigrante foram os

livros de matrícula de sócios do Hospital Espanhol do Rio de Janeiro, do período de 1859 a 1930. Recolhemos os dados pessoais e descobrimos as seguintes informações sobre Anselmo Barbeito: nasceu na paróquia de Mallón, município de Santa Comba (A Coruña), 35 anos, profissão do comércio e filho de Angel e Francisca. O endereço que aparecia na matrícula era a Rua da Ajuda, número 82. O sócio que o indicou para que entrasse no Hospital Espanhol² era Manuel Currais Barbeito, um parente mais jovem, oriundo da mesma localidade e morador da mesma Rua da Ajuda.

Anselmo José Barbeito não era um simples comerciante que chegou na imigração massiva. Já estava no Rio de Janeiro antes de 1871, tinha uma rede de padarias e também uma rede de parentela. Duas décadas mais tarde, pesquisando nos arquivos espanhóis, mais especificamente nos arquivos dos cartórios galegos³ do ano de 1893, constatamos que Anselmo Barbeito continuava no Rio de Janeiro e tinha construído uma cadeia migratória, baseada na inserção profissional dos patrícios. A escritura do imigrante Manoel Riveiro Pose, um lavrador de 20 anos e que desde os 15 estava no Rio de Janeiro, confirma a hipótese. Manoel, que trabalhou quatro anos nas padarias de Anselmo Barbeito, no Rio de Janeiro, confiou ao seu patrão a quantidade de 1500 pesetas, uma pequena fortuna na época, para que pudesse retirá-la em uma entidade bancária carioca. O dinheiro, economizado nos anos que trabalhou como padeiro, continuava guardado longe da sua terra natal, apesar de Manoel haver retornado. Nas entrelinhas do documento, observamos a relação de interdependência entre o imigrante recém-chegado, o galego jovem e inexperiente, e o pioneiro: tanto para conseguir o emprego como para zelar pelas suas economias, Manoel Riveiro Pose contou com o apoio de um patrício já estabelecido no Rio de Janeiro.

Continuamos com a pista de Anselmo José Barbeito, percorrendo arquivos de um lado e de outro, na Galícia e no Rio de Janeiro, e nos perguntamos: desde quando esse galego deixou de ser um empregado para ter o seu próprio estabelecimento? Pela documentação encontrada na Galícia, tudo levava a crer que foi na década de 90 do século XIX, mas analisando os pedidos de licença para os ambulantes, encontramos, em 1879, o seguinte texto:

“Francisco Marinho, súdito espanhol, morador a Ladeira do Seminário, n.º 45, freguesia de São José quer licença para andar ao ganho. Apresenta para seu fiador ao Sr. Anselmo José Barbeito, morador à Rua da Ajuda, 197 e estabelecido com padaria”⁴.

Assim, não só as padarias já funcionavam desde a década de 70 do século XIX, como também as cadeias migratórias em torno desse imigrante eram mais antigas do que, em princípio, podíamos supor. É possível que a mercadoria que vendia Francisco Marinho pelas ruas da cidade fosse da padaria de Anselmo Barbeito. Não podemos negar essa possibilidade, já que desde a década de 60 do mesmo século, encontramos em outra documentação – os livros de **Escravos ao Ganho** – espanhóis com sobrenomes de origem galega, mandando seus escravos e também homens livres carregar cestas de pão com produtos do seu estabelecimento.

“Gabriel Manera, espanhol, com padaria na rua do Catete, nº 126, pede 5 licenças para mandar vender pelas ruas da cidade pão e biscoito por pessoas livres e por seus escravos”²⁵.

Excepcionalmente, na década de 60, quando os escravos representavam massivamente a mão-de-obra ambulante, esses estrangeiros já utilizavam homens livres, que podiam ser brasileiros ou imigrantes europeus, como constatamos em fontes de períodos posteriores, como os livros de ganhadores livres. A diferença entre as duas fontes é que nos ganhadores livres nem sempre o fiador era necessariamente o patrão do ambulante.

Voltando ao caso do espanhol Francisco Marinho, percebemos que a sua residência não é na Rua da Ajuda, mas numa das ruas próximas, onde também viviam muitos espanhóis e portugueses. A Ladeira do Seminário, juntamente com a Chácara da Floresta, Morro do Castelo, Ladeira do Castelo e a Rua da Ajuda, fazia parte da chamada Freguesia de São José, onde estava a maioria dos ambulantes espanhóis e portugueses.

Tabela 2. Freguesia dos ganhadores livres do Rio de Janeiro (1837-1887)

Freguesias	Ambulantes espanhóis	Ambulantes portugueses
Candelária	1	5
Espírito Santo	0	4
Sacramento	7	33
Santa Rita	2	15
Santana	1	6
Santo Antonio	8	19
São José	18	76
Total	37	158

Fonte: Elaboração própria a partir dos livros de ganhadores livres. AGCRJ

No começo do século XX, quando o maior contingente imigratório desembarcou no Rio de Janeiro, as freguesias de São José e Santo Antonio continuaram concentrando grande parte do coletivo. Antes disso, entre os anos de 1860 a 1890, a extinta Rua da Ajuda e suas redondezas serviram de morada para aqueles pioneiros, que trabalhavam como ambulantes, artesãos, comerciantes ou empregados de comércio. Uma demonstração de uma cadeia familiar que perdurou até a demolição da rua, no começo do século passado. Essa rede social não se baseava somente em laços familiares ou de vizinhança, estendia-se para muitos municípios galegos, reunindo patrícios das mais diversas profissões, não somente aqueles que se dedicavam ao trabalho nas padarias.

Nas licenças dos ganhadores livres, no ano em que mais se inscreveram espanhóis, em 1879, na Rua da Ajuda, aparecem dois casos de patrícios, ambulantes, vivendo no mesmo número: os irmãos Manoel e João Antonio Peres Fernandes, no número 51, apresentando

o mesmo fiador; e os espanhóis Antonio G. Fernandes e Raimundo Boterres, vivendo no número 69. A Rua da Ajuda também abrigou 16% dos portugueses ambulantes que viviam na freguesia de São José, todos residindo entre os números 51 e 67. Na Ladeira do Seminário, uma rua vizinha, sucede algo similar, mas dessa vez com a residência de nº 45. Aí aparecem 4 dos 6 espanhóis que viviam nessa rua e 6 portugueses, todos vivendo no número 45.

Portugueses e espanhóis/galegos ambulantes se concentravam majoritariamente na mesma freguesia central da cidade. As ruas e números das moradias corroboram com essa afirmação, unindo esses dois grupos de estrangeiros, que compartilhavam, muitas vezes, as mesmas casas e fiadores. Por exemplo, o fiador, dono de um quiosque no Largo da Carioca (freguesia de Santo Antonio), chamado Domingos da Silva Manahú, cuja nacionalidade não foi revelada pelo documento, tinha dois ambulantes espanhóis e um português sob a sua responsabilidade. Os espanhóis viviam na Rua da Ajuda, 59 e na Ladeira do Seminário, 41 e o português, na Ladeira do Seminário, 45. Compartilhavam dessa maneira, residência, ofício e fiador. Já os imigrantes italianos, não viviam nas mesmas ruas, nem nas mesmas freguesias; só encontramos 1 ambulante dessa nacionalidade na Rua da Ajuda e 5 italianos vivendo na Freguesia de São José. Os italianos estavam concentrados majoritariamente na freguesia de Santana e eram conhecidos pelas suas atividades como ambulantes e jornaleiros (vendedor de jornais). No ano de 1890, das 67.385 pessoas que viviam na Freguesia de Santana, 4.844 eram italianas e 12.315 eram portuguesas (VELASCO e CRUZ: 2000, p.276). Podemos comprovar essa informação a partir dos ambulantes italianos que recolhemos no arquivo dos ganhadores livres: 57% deles viviam na Freguesia de Santana, espalhados pela Ladeira do Barroso, Rua da América e do Areal e pelo Morro do Pinto. Uma cadeia migratória importante se havia constituído na Ladeira do Barroso, em 1879, nº 81, com 9 italianos ambulantes, cujo fiador era o mesmo negociante, chamado Antonio de Souza Teixeira, que tinha a casa e o negócio no mesmo número 81⁶. Pelo sobrenome, podia ser brasileiro ou português. Era uma freguesia com um mercado de trabalho diversificado e dinâmico, com muitos estabelecimentos comerciais, armazéns de secos e molhados, botequins e restaurantes. Os espaços centrais do Rio de Janeiro estavam divididos entre portugueses, espanhóis e italianos, os estrangeiros que predominavam no cenário da imigração carioca.

Mas, de que forma podemos constatar que a maioria desses espanhóis ambulantes, encontrados nas listas dos ganhadores livres, eram originários da Galiza? Na realidade, quanto aos ambulantes, só existem suposições, mas as matrículas do Hospital Espanhol confirmam a hipótese de que aí, na Rua da Ajuda, havia um importante coletivo galego na segunda metade do século XIX, entre ambulantes, donos de padarias, artesãos, comerciantes e outros ofícios. Nada menos que 75 galegos moraram nessa rua entre os anos de 1871 e 1917 e 25 deles foram recomendados para serem sócios do Hospital Espanhol por Anselmo Barbeito.

Dos galegos que viviam na Rua da Ajuda, nada menos que 17 sócios do Hospital Espanhol estavam no número 197, entre os anos de 1877 e 1890, e oito deles, no mesmo período, dividiam casa ou trabalho, no número 82. Havia uma rede que ia além dos laços familiares e que se estendia a outros municípios galegos. Os que viviam no número 197 e 82 eram, em sua maioria, do município de Santa Comba, ou da província de A Coruña e da província de Pontevedra. Uma cadeia familiar que girava em torno da concentração espacial (determinadas ruas), da inserção profissional e do apoio dos mais ilustres aos mais carentes ou aos recém-chegados, como no caso dos fiadores dos ambulantes ou das indicações para os novos sócios no Hospital Espanhol.

Tabela 3. Províncias dos moradores da Rua da Ajuda (1871-1917)

Província	Nº de moradores
A Coruña	23 (31%)
Lugo	1 (1,3%)
Ourense	7 (9,3%)
Pontevedra	45 (60%)
Total	75 (100%)

Fonte: Elaboração própria através das matrículas dos sócios do Hospital Espanhol.

Na pequena Galiza que se formava no Rio de Janeiro, os laços horizontais e verticais reproduziam as formas de associação e solidariedade entre os imigrantes. Uma solidariedade, que como em todas as relações sociais, se movia através de hierarquias. Não era uma cópia da sociedade de origem, mas uma nova estrutura que se formava em outro país, com um processo de adaptação e respeito às instituições e à forma de vida dos brasileiros. Havia duas hierarquias: a que se formava dentro das redes étnicas e aquela que já estava estabelecida na sociedade carioca. Um círculo dentro de outro, mas intercomunicados por sistemas de valores distintos que se confrontavam ou caminhavam paralelamente na cotidianidade das ruas do Rio. Nesse encontro de diferentes culturas, também aparecia a nova condição da sociedade brasileira, que entrava num sistema de trabalho livre assalariado, com a ética capitalista caminhando junto com os comportamentos paternalistas da mentalidade tradicional. As relações se definiam entre os galegos e, conseqüentemente, entre estes e os demais grupos da sociedade brasileira:

“La etnicidad no es solo ni principalmente una invención simbólica sino una relación social concreta, y en ese sentido probablemente el espacio social originario intenta reproducirse en el nuevo tejido social, pero, en cuanto también una invención o construcción innovativa en los contenidos, puede redefinir en el sentido de la identidad

y por ende los límites espaciales (en tanto que lugar de pertenencia) de quién es o quién no es un compaisano en la nueva sociedad.” (Devoto, 1991:330)

Os imigrantes mais ilustres, uma vez conseguida a ascensão econômica, buscavam o reconhecimento social. Esse segundo passo na escala da imigração – o apoio dos nacionais – era importante para dar continuidade aos projetos profissionais, ao passo que convertia a imagem do imigrante pobre e invisível à de um estrangeiro que conseguira satisfazer os discursos de uma elite convencida da importância do europeu na modernização do país. Dessa forma, os novos imigrantes tinham que passar não só pelos obstáculos apresentados pelos próprios patrícios, como também pela aprovação das normas sociais do país de acolhida. De ambulante a negociante, de vendedor de pão a dono de padaria, era um salto demasiado grande que nem todos conseguiam alcançar.

As cadeias migratórias eram um apoio inicial e não uma forma fácil de iniciar a vida. Entre os imigrantes algumas regras de convivência e de trabalho estavam subentendidas e rompê-las significava destruir as dificuldades e o esforço com que construíram sua fortuna os mais favorecidos pelo fenômeno da imigração. Havia que subir degraus como todos aqueles que chegaram ao topo. As posições econômicas e sociais alcançadas pelos mediadores eram um exemplo a seguir e não facilidades e preferências regaladas.

Os pioneiros “reconstruíam sua Galiza” no Rio de Janeiro, não só pela solidariedade com os paisanos, mas porque já estavam estabelecidos para escolher sua mão-de-obra e (por que não?) utilizar essa força de trabalho, misturando doses de apoio afetivo e moral, para seu próprio benefício. Beneficiavam-se das cadeias migratórias, da chegada dos jovens imigrantes e do método de contrato pessoal, característico do setor terciário, onde a dependência do empregado em relação ao patrão era quase total, num contexto parafamiliar de obrigações pessoais e profissionais. Alejandro Vázquez (1999, p. 675-676) afirma que o método de contratação pessoal foi uma característica da imigração galega (os chamados “patrícios” no Brasil). A remuneração era fixada pelo patrão e a partir dos seus critérios pessoais podia variar desde a avaliação da capacidade do trabalhador até os vínculos de parentesco existentes entre eles. Todos os gastos do imigrante eram controlados e limitados pelo seu patrão e o empregado só podia retirar suas economias no caso de visitas eventuais a Galiza, de demissão ou na compra do seu próprio negócio.

Segundo Devoto, sobre as posições de mediação exercidas pelos imigrantes, elas

“son ejercidas, especialmente, por aquellos que se encuentran en un punto de mucho tránsito en el flujo social. El tipo de mediación que ejercen (...), deriva de su colocación en el espacio y ésta, a su vez, no sólo del lugar de residencia sino del tipo de actividad que desempeñan. Su situación ocupacional, tanto como su actividad institucional, son relevantes en este punto” (Devoto, 2003: 351).

Em Buenos Aires, por exemplo, o surgimento de um tecido associativo local de âmbito galego esteve condicionado, entre outros fatores, pelo aparecimento de uma elite dentro da

coletividade galega interessada na promoção e manutenção das formas associativas como parte do seu *capital simbólico* dentro da própria comunidade galega e espanhola emigrada, tanto na sociedade receptora como na de origem. Os incentivos das sociedades de instrução dessa cidade argentina, segundo Núñez Seixas (1999, p.369), consistiam, sobretudo, em fortalecer o capital simbólico dos diretores com o objetivo de participar na vida social argentina e também possibilitar o acesso às posições de poder dentro da própria comunidade imigrante galega (e o conjunto da espanhola).

A preferência étnica nas redes sociais não era de uso exclusivo dos galegos no Rio de Janeiro. No ramo do pequeno comércio e da hotelaria, disputado por portugueses e galegos, a figura do adolescente caixeiro, do norte português, explorado e amparado pelo seu “pai-patrão” foi ressaltada em diversos estudos históricos. Como nos confirma Chagas Menezes (1998:118):

“Tanto para portugueses como para brasileiros, a vida de comerciante começava como aprendiz de caixeiro, caixeiro de balcão, Guarda livros, e finalmente, um convite para se tornar um novo sócio depois de anos de árdua poupança individual. Mas, segundo a preferência do final do século passado (século XIX) e devido ao predomínio português no pequeno comércio, podemos afirmar que a caixeirada era recrutada entre menores portugueses, que já vinham com endereço certo”.

Nas pequenas sociedades comerciais formadas no começo do século XX também eram valorizados os laços de parentesco e as nacionalidades que mantinham uma tradição em determinados ramos ganhava até mesmo a confiança dos brasileiros. Chagas de Menezes (1998:83-84) comenta que

“na hora de comporem o capital social de um novo estabelecimento, os laços de parentesco, étnicos e lingüísticos, se manifestavam com muita força. Os portugueses preferiam se associar a outros portugueses; na impossibilidade disto ocorrer, os brasileiros eram os preferidos. Num último caso, se recorria às outras nacionalidades. O mesmo ocorria com os brasileiros(...) na hora de compor um contrato social misto, tanto os brasileiros como os de outras nacionalidades preferiam os portugueses devido a suas influências e prestígio no pequeno comércio carioca”.

Os espaços de solidariedade entre os imigrantes eram um instrumento de defesa num mercado de trabalho competitivo e instável como o Rio de Janeiro, além de impedir a divisão do grupo. Conquistar uma fatia de um ramo do mercado significava, como foi para os portugueses, monopolizar um determinado setor da economia. O caso dos imigrantes lusos da Ponta D’Areia, bairro do município de Niterói, Rio de Janeiro, exemplifica essa afirmação. Entre 1900 e 1950, os que deixaram Portugal para instalar-se nesse bairro, investiram em imóveis e comércio, até o ponto em que todas as hospedarias da Ponta D’Areia eram deles e o bairro passou a ser denominado Portugal Pequeno (Moura Nogueira,

1998:165). Assim também ocorreu com os africanos, escravos ou libertos, que, a meados do século XIX, já constituíam uma fração de classe específica e claramente delineada na força de trabalho empregada no sistema portuário, trabalhando como carregadores de café. No caso dos negros, a criação de laços identitários e de redes de relações sociais os uniu frente ao sonho da liberdade. A organização em torno a um mesmo ofício, seja como trabalhadores do porto ou como ambulantes, era uma forma de conseguir comprar as cartas de alforria. Graças a sua aglomeração e monopólio no mercado de ganho nas ruas do Rio de Janeiro, os africanos ocidentais, conhecidos como negros minas, conseguiram acumular suficientes recursos no “mercado da liberdade”. A maior comprovação está no fato de que entre 1840 e 1864, “os minas perfaziam, proporcionalmente, um grupo de alforriados duas a três vezes superior a sua participação na escravaria africana no Rio de Janeiro” (FARIAS, 2004: 28).

O “mercado da liberdade” não era somente dos africanos, também para os imigrantes europeus conquistar o espaço habitacional e o mercado carioca era o início da “compra da liberdade”. Conseguir uma oportunidade em setores que já estavam ocupados por negros e portugueses foi uma meta alcançada pelos galegos pioneiros, os que viviam na Rua da Ajuda, por exemplo, os donos de padarias e pequenos comércios. Esta mobilidade social ascendente era uma realidade, principalmente para os galegos que iniciavam sua vida profissional como dependentes de comércio. Segundo Núñez Seixas (1994, p.308), o imigrante descobre um mundo urbano e de serviços, onde existe uma possibilidade de ascender social e economicamente através de determinados setores como, por exemplo, o comércio. A adaptação às condições do novo país e as oportunidades que se apresentaram fizeram com que os galegos buscassem ferramentas que se ajustassem à nova realidade profissional, como a alfabetização e conhecimentos práticos de contabilidade:

“esta toma de consciência es la que lleva al emigrante gallego en las dos primeras décadas del XX a fundar sociedades comarcales en las que, aparte de los fines de ayuda mutua y recreo, aparecerá uno más definido: la instrucción” (Núñez Seixas, 1994:308).

Esses pioneiros aproveitaram as mudanças que sucederam no Rio de Janeiro, quando a economia, a partir de 1850, sofre câmbios irreversíveis. O declínio da produção de café no Vale do Paraíba e a conseqüente transferência dos capitais antes investidos no decadente sistema escravista e agrário passam a outros setores da economia do mercado interno, favorecendo, dessa maneira, a economia urbana. Eles puderam aproveitar as suas qualidades profissionais para utilizá-las nos espaços vazios do mercado de trabalho carioca, pouco desenvolvido e carente de mão-de-obra, como os setores terciários e secundários.

Os locais de moradia eram próximos ou inclusive no mesmo lugar de trabalho. Encontrar um alojamento acessível aos salários da época era tarefa das mais difíceis. Por isso, predominavam nos espaços centrais da cidade, as estalagens, os cortiços e as casas de cômodos, onde se amontoavam famílias, estrangeiros, vários indivíduos em um mesmo

quarto, compartilhando alojamento e asseio, em precárias condições de higiene. Por exemplo, na época da administração do prefeito Pereira Passos (1902-1906) um quarto numa casa de cômodos custava no mínimo 20\$ (réis), enquanto que um pedreiro ganhava uma diária de 7\$ a 9\$, um carpinteiro, de 8\$ a 10\$, um canteiro, de 9\$ a 12\$, um servente, de 3\$ a 4\$ e trabalhadores diversos, de 3\$ a 5\$ (CARVALHO, 1995, p.136). Para poder economizar algo, o imigrante não tinha outra alternativa que viver nas estalagens e cortiços das freguesias centrais ou no fundo das pequenas fábricas ou oficinas onde trabalham. Como afirma Carvalho (1995, p.137) sobre as classes menos favorecidas:

“As classes pobres concentravam-se nessas freguesias mais centrais onde, de início, se localizava todo o comércio da cidade em conseqüência da proximidade do porto e, já, nas últimas décadas do século XIX, pelo estabelecimento, também nessa área, da indústria manufatureira.”

Uma das grandes estalagens do século XIX, demolida em 1922, foi a Chácara da Floresta. As estalagens apresentavam um pátio, área ou corredor, com quartos divididos em sala ou alcova, cozinha interna ou externa e com lavanderias e aparelhos sanitários comuns nos pátios. A entrada da Chácara da Floresta ficava na Rua da Ajuda. Quando começaram as reformas urbanísticas e de modernização do centro do Rio de Janeiro, em 1902, a maioria das habitações populares foi demolida porque era considerada prejudicial à saúde pública, um foco de infecções que ameaçava a higiene e a imagem da cidade. As áreas centrais foram valorizadas, com elas, surgiu a especulação imobiliária, encarecendo as habitações populares.

“Saneava-se a cidade, mas deixava-se uma numerosa população pobre em condições precárias de vida, pois não havendo a substituição desses cortiços por moradias baratas em número suficiente, as populações de baixa renda ou se mudavam para os subúrbios distantes, ou se amontoavam nos prédios restantes na área central da cidade.” (Carvalho, 1995, 135)

De fato, a freguesia de São José, onde moravam muitos dos nossos imigrantes no século XIX, era a que, segundo os estudos de higiene do Rio de Janeiro, contava com 1201 quartos ou casinhas e 74 estalagens (CARVALHO, 1995). As freguesias mais centrais, ocupadas desde o início do século pelas atividades comerciais, artesanais e manufatureiras, eram as que concentravam um maior contingente populacional residente em cortiços ou estalagens. Os galegos não fugiram à regra e viveram nas estalagens e cortiços do centro do Rio de Janeiro, como no caso dos ambulantes que residiam na Rua da Ajuda, na Chácara da Floresta. Como afirmou um galego que emigrou na década de 50, mas cujo pai já havia estado no Rio de Janeiro desde o começo do século:

“Tinha galego por todos os lados, mas onde tinha mais era na parte central do Rio, na parte mais humilde. Era residencial o centro. Qualquer casa velha virava uma hotelaria. Os empregados do porto, os estivadores e do comércio que não tinham família ou

*moravam muito longe ou viviam na hotelaria. Era coisa de 1 cruzeiro. Era cabeça-de-porco mesmo. A partir da década de 50 começou a virar hotel. Os bares eram também no centro”*⁷⁷.

Os endereços recolhidos tanto no arquivo dos ganhadores livres como no Hospital Espanhol mostram que os imigrantes viviam juntos e que, ao longo das décadas, as novas gerações que chegavam continuavam morando nos mesmos números que seus antecessores. A Rua da Ajuda, depois da reformas do começo do século passado, deixa de fazer parte do espaço habitacional dos galegos. Eles vão se deslocando para os subúrbios e principalmente pelas freguesias de Santo Antonio, Santa Rita e pela Lapa. A aglomeração dos galegos em torno de uma mesma rua, bairro ou inclusive casa, mostra a importância das cadeias migratórias como um mecanismo de auxílio que substitui a falta de amparo do Governo do país de acolhida com as classes menos favorecidas.

Devido às condições de vida que levavam, compartilhando quartos em cortiços, estalagens ou pensões, a mobilidade espacial era algo frequente. As vivendas coletivas serviam para abrigar os recém-chegados que não podiam pagar algo melhor. Na cidade de São Paulo, a instabilidade da vida urbana e a reconstituição das relações ao ritmo das especulações imobiliárias também fez parte do cotidiano da comunidade galega:

“Además de acomodarse en habitaciones y tener ocupaciones nómadas, los inmigrantes estaban marcados por la reapropiación de espacios residuales adaptados para viviendas colectivas que pudiesen alojar poblaciones recién llegadas, y por el ir y venir por los más variados caminos, circulando en todos los barrios de la ciudad en función de sus actividades de carreteros y recolectores de restos de materiales de chatarra[...]. Estas condiciones refuerzan la perspectiva de creación de modos de vida efímeros, en un continuo rehacerse”. (Antonacci, 2002:25)

As redes de solidariedade cobriam necessidades tão básicas como a de oferecer um quarto a um patricio recém-chegado, numa sociedade onde as condições de alojamento eram caras e insuficientes. A imigração vai caminhando segundo as exigências da cidade, mas mesmo assim, a área central não deixou de ser o lugar de moradia mais importante até o final da primeira imigração massiva, já que aí estavam as oportunidades de trabalho no comércio e nas pequenas indústrias e uma rede já consolidada pelos primeiros galegos desde o século XIX.

Notas

¹ Os dados dos africanos e dos brasileiros foram oferecidos por Juliana Barreto Farias, com a sua dissertação de mestrado *Entre identidades e diásporas: Negros minas no Rio de Janeiro (1870-1930)*). Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

² Para ingressar no Hospital Espanhol era necessária a recomendação de um sócio.

³ Arquivo Histórico da Universidade de Santiago de Compostela. Protocolo dos instrumentos públicos, ano de 1871

⁴ AGCRJ. Códice 44 -1-49, ganhadores livres, agosto de 1879, p.125.

⁵ AGCRJ. Códice 6-1-52, escravos ao ganho 1860-1861, p.23.

⁶ ACGRJ. Ganhadores Livres, 1879-1885.

⁷ Entrevista a Manuel Mouro Costa, de Santa Comba (A Coruña), no mês de novembro de 2003, no bairro do Flamengo.

Bibliografia

BRASIL GERSON. *Histórias das Ruas do Rio*. 5ª ed., Rio de Janeiro: Lacerda, 2000.

CARVALHO, Lia Aquino. *Habitações populares*. Rio de Janeiro: Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural da Secretaria Municipal de Cultura, 1995.

CRUZ, Maria Cecília. "Tradições negras na formação de um sindicato: Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Café, RJ, 1905-1930". *Afro-Ásia*, Salvador/CEAO, UFBA, 2000, pp.243-290.

DEVOTO, Fernando. *Historia de la inmigración en la Argentina*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2003.

_____. "Algo más sobre las cadenas migratorias de los italianos a la Argentina". *Estudios Migratorios Latinoamericano*, n° 19, p.323-343, dez., 1991.

FARIAS, Juliana Barreto. *Entre identidades e diásporas: Negros minas no Rio de Janeiro (1870-1930)*. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

MENEZES, Wagner Chagas de. "*Costurando retalhos*": configuração e cotidiano do pequeno comércio do espaço central da Cidade do Rio de Janeiro, 1899-1903. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1998.

NOGUEIRA, Ana Moura. *Como nossos pais: uma história da memória da imigração portuguesa em Niterói (1900-1950)*. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1998.

NÚÑEZ SEIXAS, Xosé Manuel. "A parroquia de além mar: Algumas notas sobre o associacionismo local galego en Bos Aires (1904-1936)". In: Cagio, Pilar ed., *Galicia nos contextos históricos*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, *Semata*, n°11, 1999, p.345-379.

_____. "Las remesas invisibles. Algunas notas sobre la influencia socio-política de la emigración transoceánica en Galicia (1890-1930)". *Estudios migratorios latinoamericano*, n° 27, pp.301-346, ag., 1994.

PARGA, Eduardo Antonio Lucas. *Entre fazendas, secos e molhados- o pequeno comércio na cidade do Rio de Janeiro (1850-1875)*. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1996.

VÁZQUEZ, Alejandro González. *La emigración gallega a América, 1830-1930*. Tese de doutorado apresentada na Faculdade de Economia, Universidade de Santiago de Compostela, 1999.